

História do Antônio Pedro remonta ao início do século XX

Págs. 6 e 7



Mesmo ociosos, servidores gastam energia.

Pág. 3

Eduff é a primeira editora brasileira 'carbono zero'.

Pág. 10

Da Redação

Em outubro, a UFF passa a fazer parte do Grupo Tordesillas, composto por universidades brasileiras e europeias, o que permitirá à nossa universidade participar de programas de fomento patrocinados pela União Europeia, dentre outras possibilidades.

A abertura para o 9º Encontro de Reitores do Grupo, neste ano, está marcada para o dia 18 de outubro na Universidade do Porto, em Portugal, e contará com a presença do reitor da UFF, professor Roberto Salles. A temática do encontro será “O Espaço Tordesillas de Ensino Superior”, e dois temas serão abordados: Espaço Tordesillas de Ensino Superior: Mobilidade e Parcerias e Partilhar Experiências de Ensino.

O Grupo reúne agora, com a participação da UFF, 22 instituições brasileiras. A UFF e a Uni-Rio são as únicas federais do Estado do Rio de Janeiro que dele fazem parte.

O Grupo Tordesillas nasceu com a celebração do 1º Encontro de Reitores das Universidades do Brasil, Espanha e Portugal, realizado em 2000, e que teve como universidade-anfitriã a de Valladolid, na Espanha, e foi realizado na cidade de Tordesillas, na famosa “Casa do Tratado”, local onde foi firmado o histórico Tratado de Tordesillas.

Alguns dos principais objetivos do grupo são estabelecer vínculos acadêmicos, culturais e socioeconômicos entre todos os seus membros; promover as atividades de cooperação multilateral em matérias de educação, ciência, tecnologia e inovação; promover a comunicação estável entre as universidades-membros da associação, desenvolvendo para isso o suporte tecnológico que fomente a identificação de objetivos, enfoques e programas comuns de investigação e docência, além de fomentar a interação das universidades com os distintos setores produtivos e de serviços que contribuam a elaborar acordos de longo prazo e estratégias que melhorem a qualidade de vida, a competitividade de nossas empresas e que promovam o desenvolvimento social de nossas comunidades, dentre outros.

Rosane Fernandes (Editora-Chefe)

Pesquisa e pós-graduação na UFF: aumento quantitativo e qualitativo



Rosane Fernandes

Humberto Fernandes Machado

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

A pesquisa e a pós-graduação na UFF são apoiadas por programas específicos dentro do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Esses programas têm como objetivo a expansão de vagas e a melhoria qualitativa dos cursos, tanto de graduação como de pós-graduação e são divulgados por meio de editais. No que diz respeito à pesquisa e à pós-graduação, os editais visam melhorar a infra-estrutura das unidades de ensino e pesquisa, desenvolver laboratórios e auxiliar os docentes nas mais variadas atividades de pesquisa.

Como resultado dessa política de fomento da atual gestão, podem-se citar os 46 projetos aprovados no *Edital Universal* do CNPq, os 31 pesquisadores contemplados no *Edital Cientistas do Nosso Estado* e os 19 no *Jovens Cientistas do Nosso Estado*, ambos da Faperj. Deve-se ressaltar também a aprovação, em 2008, de recursos da Finep, de R\$ 3.983 mil para atendimento à Biblioteca Central do Gragoatá e a laboratórios de pesquisa da universidade.

Em 2007, a Propp investiu na formação e qualificação do corpo docente, discente e técnico-administrativo, por meio da elaboração e utilização de dois programas: a) Programa de Qualificação da UFF (PQUFF), com recursos de R\$ 200 mil; e b) Bolsas UFF de Iniciação Científica, com recursos de R\$ 242 mil. Por intermédio do PQUFF, foram concedidos 215 auxílios-qualificação, para 172 docentes e 43 técnico-administrativos em programas de pós-graduação *stricto sensu*. A universidade vem estimulando a iniciação científica e concedeu 84 bolsas, além das 346 disponibilizadas pelo CNPq, em 2007. A Propp conseguiu, com a comissão do PDI, um aumento destinado às bolsas Pibic, equiparando o valor das bolsas UFF ao das concedidas pelo CNPq.

O aumento quantitativo e qualitativo das atividades de pesquisa e dos programas de pós-graduação foi incentivado por meio do Programa de Fomento à Pesquisa (Fopesq), que recebeu investimentos, em 2007, de R\$ 542 mil no apoio à participação de docentes em congressos e projetos de pesquisa de professores ou de grupos de pesquisa. Esse edital atendeu 289 pesquisadores e 73 grupos de pesquisa. A Propp conseguiu, com a comissão do PDI, aumentar o valor do Fopesq para R\$ 700 mil em 2008, de

forma a atender um número maior de pesquisadores e grupos de pesquisa. Também em 2008, a Propp implementou o Programa de Apoio ao Recém-Doutor, contemplado com R\$ 50 mil, um novo edital voltado para a inovação tecnológica, no valor de R\$ 50 mil, além do *Edital Infra-PG*, destinado à melhoria da infra-estrutura dos programas de pós-graduação, por meio da disponibilização de R\$ 4 mil para cada um.

O incentivo ao aumento da produção científica e à socialização do conhecimento produzido na UFF foi estimulado por meio de dois programas: o Pró-Eduff, no valor de R\$ 133 mil 650 que apoiou a publicação de 35 periódicos e livros produzidos pela Eduff; e o Auxílio-Publicação, no valor de R\$ 107 mil, destinados a 253 publicações em periódicos classificados como Qualis A Internacional. Em 2008, o Auxílio-Publicação teve seu edital modificado, passando a apoiar também as publicações *Qualis A Nacional* e *Qualis B Internacional*.

Em 2008, a UFF encaminhou para a Capes 12 propostas para a criação de cursos novos (APCN), sendo oito aprovados. A UFF foi, em números absolutos, a segunda universidade com o maior número de cursos recomendados. Algumas propostas ainda estão em avaliação pela Capes. Os seguintes programas foram aprovados em julho: Doutorado – Ciências Cardiovasculares, Ciências Médicas e Química. Mestrado – Higiene, Inspeção e Tecnologia de Alimentos de Origem Animal, Enfermagem, Ciências Aplicadas a Produtos para Saúde, Engenharia Química e Ciência da Informação.

Em 2007, a UFF teve 3.382 alunos matriculados nos seus cursos de mestrado e doutorado, além de 265 nos mestrados profissionais, 999 nos cursos de especialização gratuitos e aproximadamente seis mil nos 121 cursos *lato sensu* autofinanciáveis.

Assim, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação tem como meta prioritária situar a UFF entre as principais universidades brasileiras, por meio do incentivo aos grupos de pesquisa, fomento à pesquisa para todos os docentes, além de incentivo à qualificação acadêmica e expansão dos seus cursos de pós-graduação. ●

Publicação trimestral produzida pelo Núcleo de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense | Ano 1 - Nº 3 | Junho/Julho/Agosto de 2008

Reitor
Roberto de Souza Salles

Vice-Reitor
Emmanuel Paiva de Andrade

Chefe de Gabinete
Martha de Luca



Rua Miguel de Frias, 9 - 8º andar
24220-900 - Icaraí - Niterói/RJ
(21) 2629-5247
www.noticias.uff.br/jornaldauff
jornaldauff@vm.uff.br

Diretora do Nucs
Rosane Fernandes

Editora-Chefe
Rosane Fernandes (MT nº 18436)

Editoria de Redação
Marcelo Gualda e Sonia de Onofre

Editoria de Arte
Alexandre Facuri e
Marcos do R. Monteiro

Redação
Adriana G. Barbosa, Eliza Câmara,
Gilson Carvalho, Kátia Vieira,
Luiza Peluso, Maria Léa Aguiar,
Regina Schneiderman, Rosane
Fernandes, Sonia de Onofre

Bolsista do curso de Jornalismo:
Samanta Maia

Revisão
Sonia de Onofre

Editoração Eletrônica
Alexandre Facuri, Bruno Madeira,
Daniel Fernandez, Neon Maia

Fotografia
Bruno Madeira, Rosane Fernandes,
Thales Rafael

Tratamento de Imagens
Alexandre Facuri, Bruno Madeira,
Daniel Fernandez, Neon Maia

Capa
Bruno Madeira, Daniel Fernandez,
Neon Maia

Projeto Gráfico
Alexandre Facuri

Impressão
Gráfica Universitária da UFF

Tiragem
6.000 exemplares

Consultar páginas na web gasta muita energia



Maria Léa Aguiar

Diagramação e ilustração: Alexandre Facuri

Qualquer site na internet é feito para oferecer serviços e ser consultado. E o internauta, por sua vez, quer rapidez e qualidade no acesso, caso contrário, ele procura outro site. Em vista disso, os donos ou responsáveis por esses serviços, seja em site de jornal, empresa, loja de departamentos, livraria, universidades ou de governo, dimensionam a capacidade e o número de seus servidores de rede para a carga máxima, isto é, para atender às demandas na sua faixa de pico de acessos. No entanto, fora desses horários, como à noite ou nos fins de semana, ou mesmo na maior parte do dia, os servidores ficam ociosos. Um site de jornal, por exemplo, tem demanda normal durante o dia, picos de acesso quando ocorrem fatos extraordinários e muito pouco durante a noite.

Isso não seria problema se cada um desses servidores-web não fosse alimentado por energia elétrica e não ficasse gastando energia todo o tempo, esteja ou não em uso. Uma CPU comum, dessas usadas em computadores pessoais, consome o equivalente a uma lâmpada incandescente de 60 watts, mesmo sem fazer qualquer operação. Quando começa a trabalhar, ela dobra esse gasto e passa a consumir o equivalente a duas dessas lâmpadas.

Usualmente, nos escritórios e locais de trabalho, os computadores pessoais são desligados ao final do expediente, mas os servidores de página continuam operando, mesmo que ninguém os acesse. Hoje, o que ocorre nesses casos é um operador mais experiente desligar alguns servidores com base na sua experiência da demanda esperada, e isso explica a razão de os acessos a uma ótima página, em alguns momentos do dia ou à noite, estarem, inexplicavelmente, lentos.

Esta é a equação que os provedores de site têm de estar sempre tentando solucionar: projetar seus servidores para a carga máxima para oferecer mais qualidade de serviço, embora com mais custo, ou economizar e perder em qualidade e rapidez.

Grupo de pesquisa da UFF cria a solução

Um grupo de pesquisadores do Laboratório Tempo do Instituto de Computação da UFF criou um programa que faz uma configuração dinâmica desses servidores, oferecendo as duas coisas ao mesmo tempo: qualidade de serviço e economia de energia. Segundo o professor e pesquisador Julius Leite, coordenador do grupo, “nosso sistema monitora a demanda feita ao grupo de servidores, verifica o número de transações ou acessos e realiza o controle de forma automática”. Se esse sistema de controle observa uma baixa demanda, ele desliga algumas máquinas e ainda pode ser programado para acionar os vários níveis de capacidade do servidor, caso detecte uma demanda compatível com, por exemplo, a capacidade equivalente a “uma máquina e meia”.

Esse software já vem sendo desenvolvido há quatro anos, observando a tendência mundial de se pensar nos gastos de energia que a informatização crescente da sociedade vem acarretando. Os monitores que ficam escuros, quando em desuso, já foram uma das primeiras formas de se economizar energia. Além disso, disse o professor Leite, “gerar energia ainda esbarra em outra preocupação muito atual, aquela com o meio ambiente”. Construir sistemas de geração a carvão, hidrelétricos, nucleares ou outros, causa muito impacto ao meio ambiente, desalojando populações, provocando alagamento de grandes áreas ou até mesmo pelos resíduos que são jogados na atmosfera.

Essa preocupação com a energia gasta pelas redes de computadores é tão grande que a Agência de Proteção Ambiental americana (Environmental Protection Agency – EPA)

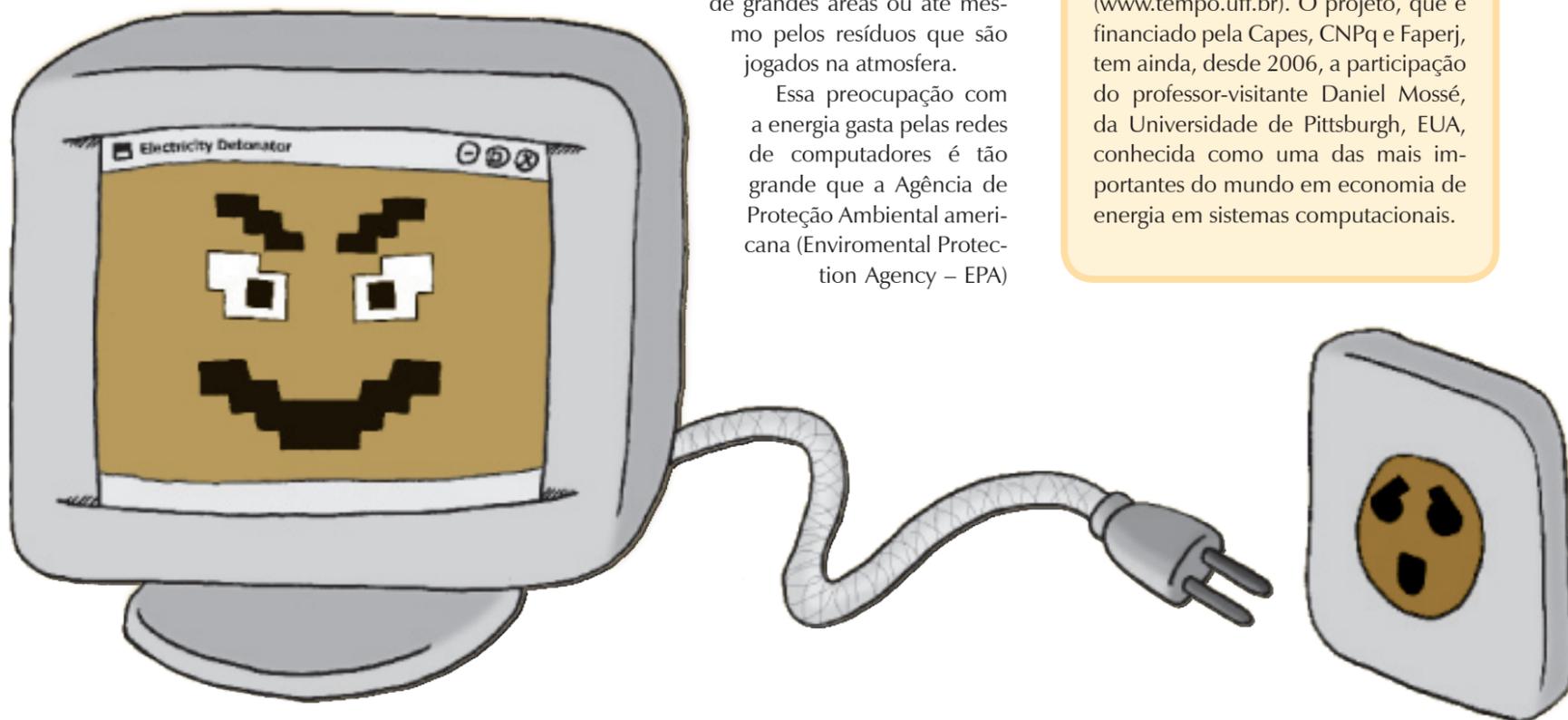
divulgou, em 2007, um estudo estimando o consumo de energia dos CPDs (Centros de Processamento de Dados) nos Estados Unidos e quanto consumiriam em 2011, se nada fosse feito. O resultado foi que os gastos passariam de um total de 7 Gigawatts em 2006, para 12 Gigawatts em 2011. Para se ter uma idéia do que isso significa, basta imaginar que a usina de Itaipu produz, no máximo de sua capacidade, cerca de 12 Gigawatts. Isto é, seria preciso uma Itaipu só para abastecer os CPDs e servidores dos Estados Unidos.

No Brasil, de acordo com o professor, o problema é menor, mas já preocupa, pois mesmo as grandes empresas ainda fazem a configuração de seus servidores manualmente. No mundo, o consumo dos servidores está crescendo a uma taxa de 9% ao ano. E, como seu correlato, os CPDs e servidores estão emitindo, hoje, na atmosfera, uma quantidade de dióxido de carbono que é equivalente à metade do que os aviões de todas as cidades do mundo emitem. Em 2020, essa taxa será igualada à dos aviões.

Segundo o pesquisador da UFF, o ideal é que os novos modelos de servidores sejam construídos de forma a gastar menos energia, mas, dado que os atuais já operam assim, como fazê-los economizar é a questão. ●

Web Verde

A pesquisa conta ainda com o professor Orlando Loques e mais nove alunos, três de cada fase – doutorado, mestrado e iniciação científica –, trabalhando no Laboratório Tempo (www.tempo.uff.br). O projeto, que é financiado pela Capes, CNPq e Faperj, tem ainda, desde 2006, a participação do professor-visitante Daniel Mossé, da Universidade de Pittsburgh, EUA, conhecida como uma das mais importantes do mundo em economia de energia em sistemas computacionais.



Música para prevenir doenças



Gilson Carvalho

Arte e Diagramação: Daniel Fernandez

Quem canta seus males espanta, reza o dito popular. Se depender do Projeto Saudarte, formado por alunos de Medicina da UFF, não só os males do espírito, mas também os do corpo estarão cada vez mais longe do dia-a-dia da população. E tudo isso com muita música, dança e arte.

Criado em 2004, o projeto tem o objetivo de prevenir doenças e contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população. Para os alunos que dele participam, é uma oportunidade de contribuir socialmente, ao mesmo tempo em que têm o aprendizado facilitado.

Uma das mais importantes atividades do projeto é o Med En Canto. Por meio de paródias de sucessos populares, questões de saúde pública como dengue, tabagismo, osteoporose, aleitamento materno, hipertensão arterial e muitas outras são colocadas de forma simples, direta e lúdica para a população. Músicas de Ivete Sangalo, Martinho da Vila, Tribalistas, Skank, Raul Seixas, Daniela Mercury e muitos outros ganharam versões divertidas e fáceis de memorizar, tornando a transmissão das mensagens mais eficiente.

É uma atividade interdisciplinar e interinstitucional que conta atualmente com 13 estudantes de Medicina da UFF, um de Direção Teatral da UFRJ e outro de Teoria do Teatro da Uni-Rio. As apresentações, com música ao vivo, dança e paródias musicais, assinadas pelos alunos contagiam pela vivacidade e alegria.

De acordo com a professora Bernadete Amin, do Departamento de Fisiologia e Farmacologia da Faculdade de Medicina da UFF e coordenadora do projeto, o Med En Canto surgiu da demanda dos próprios alunos, que pediram uma avaliação diferente

em uma disciplina optativa, Fisiologia Aplicada à Clínica, que ela ministrava em 2004. Veio a idéia de fazer paródias com o conteúdo da matéria, além de outras brincadeiras. O resultado foi excelente, e no semestre seguinte, muitos estudantes se matricularam naquela disciplina já pensando no tipo de avaliação.

No final de 2007, os organizadores da semana científica da Faculdade de Medicina solicitaram uma apresentação, vista pela diretora do Departamento de Assuntos Comunitários (DAC), Jovina Maria de Barros Bruno, e pelo diretor da Divisão de Bem-Estar Comunitário, Sidnei Gomes Amin, que propuseram uma parceria.

De lá para cá, se apresentaram em eventos como o 31º Encontro Regional Sudeste de Pró-Reitores de Extensão, em Niterói, no projeto Um Dia de Qualidade de Vida na Proplan, e no Santa Teresa de Portas Abertas, no Rio de Janeiro. Segundo Bernadete, a receptividade tem sido maravilhosa, muito maior do que esperavam. “Temos retorno tanto por parte dos nossos alunos como da comunidade referente ao ganho de conhecimento e informação. Além disso, o Núcleo de Comunicação Social e o Instituto de Arte e Comunicação Social nos têm dado muita força e também nos ajudado na divulgação desse projeto. Tudo isso é muito gratificante.”

Os planos agora são ampliar o número de apresentações do grupo, o que pode ser conseguido por meio de acordos e convênios com instituições de educação e saúde do município, de cidades vizinhas e até mesmo do estado. Para isso, no entanto, é necessário obter recursos para a confecção e manutenção de objetos e equipamentos usados nas apresentações, além de um local fixo para ensaios. Outro objetivo é conseguir bolsas para os estudantes, que teriam assim mais tempo para se dedicar aos projetos.

Para solicitar apresentações, informe-se pelo e-mail pebes@uol.com.br ou pelos telefones 2714-6442 e 9488-9850. ●



Já sei aleitar

Já vou me casar
Não só beijar de língua
Porque eu quero engravidar
E quando eu parir
Já vou amamentar e muito hormônio produzir

Um deles vem primeiro e aumenta a produção
E quando vem o outro, a liberação
Vem cá, meu neném
O primeiro é importante
Proteção para o seu bem
Vem cá, meu neném
Depois vem vitamina, proteína e sais também

(Já Sei Namorar – Tribalistas)



Hino do Med En Canto

Projeto Med En Canto surgiu
De Niterói pra todo o Brasil

E trouxe o tema e o tom,
Desenvolveu o dom
Na faculdade unida
A arte tomou pé
O verso deu até
Asas pra vida
Que é tão bonita

Uô ô! Vai começar o show
Uô ô! É com a UFF que eu vou

Eu trouxe a paródia, o canto
A dança e animação
Pra ensinar e aprender
Com muita diversão
Vou invadir a cidade
E a saúde é o meu ideal
Previne, ensina e cura
E é sensacional

(O Canto da Cidade, de Daniela Mercury)



Que português você fala?



Luiza Peluso

Diagramação: Alexandre Facuri

Em defesa da unidade do idioma e do seu prestígio internacional foi assinado, pelos países-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*.

Após um longo período – 18 anos de discussão – firmam o acordo a Academia Brasileira de Letras, a Academia das Ciências de Lisboa, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Em todos esses anos, a discussão era se valia ou não a pena implementá-lo por tratar-se, na realidade, de um acordo que não simplifica o sistema ortográfico português. A opinião é do professor de Língua Portuguesa da UFF Ricardo Cavaliere, atual coordenador da Pós-Graduação *Lato Sensu* da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, que esclareceu, em entrevista concedida ao **Jornal da UFF**, as razões da resistência ao acordo.

Segundo Cavaliere, o acordo tem uma face política e outra lingüística de resistência. A primeira é a que provoca (ainda) maior reação em Portugal. Há alguns meses, a Academia Brasileira de Letras (ABL) doou vários livros ao governo de Angola que, gentilmente, agradeceu e devolveu todos sob o argumento de que a ortografia brasileira poderia confundir os estudantes angolanos.

Os portugueses acreditam que, com uma ortografia mais unificada, as editoras brasileiras, que têm poder econômico muito maior do que as portuguesas, acabariam por invadir o mercado editorial africano, que é dominado pelas lusitanas.

O professor Cavaliere tomou conhecimen-

to, por meio do gramático Evanildo Bechara, da ABL, que há risco de uma nova reação em Portugal contra o acordo. Um abaixo-assinado em Portugal, com mais de 80 mil assinaturas de professores, foi encaminhado ao Parlamento português pedindo pela não-implementação do acordo.

A face lingüística da resistência é que o acordo não cumpre a principal tarefa de uma reforma ortográfica que é a de simplificar a ortografia da língua. Mesmo com as novas mudanças, os principais problemas ortográficos permanecem. Por exemplo, o emprego do hífen, que era confuso nas bases antigas, tem agora as bases tão confusas quanto as anteriores. Algumas palavras vão ser modificadas, mas não é uma modificação que facilitará o uso. Cavaliere acrescentou que as bases do novo acordo têm muitas falhas, e em muitos pontos ele não unifica. Em alguns aspectos, o acordo privilegia as diferenças, como no caso de vocábulos com pronúncias distintas. Deste modo, a palavra “recepção”, que em Portugal se fala “receção”,

terá o registro sem o “p”, enquanto que os gramáticos brasileiros não abriram mão da escrita original. Os novos dicionários deverão registrar a dupla grafia.

No Brasil, o grande idealizador do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* foi o lingüista Antonio Houaiss. Ele defendia a idéia de que a língua escrita unificada traria benefícios para o português, tal como ser reconhecido como língua mais internacional e menos interiorana.

“Atualmente, o português, mesmo sendo a terceira língua mais falada no Ocidente, não é considerado língua oficial pelos grandes organismos internacionais, como a ONU, e na Comunidade Européia, não consta como língua de primeira grandeza”, enfatizou Cavaliere. Para ele, faltam regras simplificadas e eficientes, e o novo acordo não beneficia o cidadão comum porque provoca transtornos sem grandes ganhos. ●

AS NOVAS REGRAS

(Fonte: Revista Nova Escola)

A partir de 2009, os brasileiros deverão adotar a nova ortografia. Confira no quadro abaixo:

Hífen

Não se usará mais o hífen quando:

1. O segundo elemento começar por “s” ou “r”, e estas duas consoantes forem duplicadas. Ex.: anti-religioso – antirreligioso; anti-semita – antissemita. Exceção: será mantido o hífen quando os prefixos terminam com “r”: hiper-requintado; super-revista.

2. O prefixo terminar em vogal e o segundo elemento começar com uma vogal diferente. Ex.: extraescolar, autoestrada, aeroespacial.

Trema

Deixará de existir, a não ser em nomes próprios e seus derivados.

Acento diferencial

Não se usará mais para diferenciar:

pára (verbo parar) de para (preposição); péla (verbo pelar) de pela (preposição); pólo (substantivo) de pólo (preposição antiga); pélo (verbo pelar) de pêlo (substantivo) e de pelo (preposição); pêra (substantivo) pêra (substantivo arcaico = pedra) e pera (preposição arcaica).

Acento circunflexo

Não se usará mais:

1. Nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo dos verbos: crer, dar, ler, ver e seus derivados. A grafia correta será: creem, deem, leem e veem.
2. Em palavras terminadas no hiato “oo”, como enjôo ou vôo, que se tornam enjoo e voo.

Acento agudo

Não se usará mais:

1. Nos ditongos abertos “ei” e “oi” de palavras paroxítonas, como assembleia, idéia, heróica e jibóia.

2. Nas palavras paroxítonas, com “i” e “u” tônicos, quando precedidos de ditongo. Exemplo, feiúra e baiúca passam a ser grafadas sem o acento.

3. Nas formas verbais que têm o acento tônico na raiz, com “u” tônico precedido de “g” ou “q” e seguido de “e” ou “i”. Com isso, algumas formas de verbos como averigúe (averiguar), apazigúe (apaziguar) e argúem (arg (ü/u)ir) passam a ser grafadas averigue, apazigue, arguem.

Alfabeto

Passará a ter 26 letras, ao incorporar k, w, y.

Antônio Pedro: braços al



Eliza Câmara

Arte e diagramação: Daniel Fernandez e Bruno Madeira

Havia um criadouro de sapos!? Sim, na área dos consultórios, onde hoje ficam os ambulatórios das diversas clínicas do Hospital Universitário Antônio Pedro (Huap). “Esses anfíbios eram utilizados para diagnosticar gravidez”, contou Ézio Machado Ribeiro, o mais velho funcionário na ativa do hospital, com quase 53 anos de casa.

No início esses consultórios tinham as paredes forradas com pequenos azulejos bisotados de aço inoxidável, vindos dos Estados Unidos. Mas, de lá para cá, muita coisa mudou. “Neste hospital não existe parede que não tenha sido uma porta e nem porta que não tenha sido uma janela”, afirmou Otávio Lopes de Almeida, funcionário do Huap há 47 anos.

Localizado no Centro de Niterói, com uma área total construída de 29.730 metros quadrados e formado por sete blocos, hoje o hospital – que até o ano de 1964 se chamava Hospital Municipal Antônio Pedro – atende a população da Zona Metropolitana II que engloba, além de Niterói, as cidades de Itaboraí, Maricá, Rio Bonito, São Gonçalo, Silva Jardim e Tanguá. Sua área de abrangência atinge uma população estimada em mais de dois milhões de habitantes e, pela proximidade com a cidade do Rio de Janeiro, atende também parte da população desse município.

A idéia de sua construção surgiu com o médico Antônio Pedro Pimentel que, desde os anos 1920, sempre quis construir um hospital-escola. Tendo falecido em 1930, somente na década de 40, por meio do então interventor Amaral Peixoto e do prefeito municipal, o projeto da sua construção foi reativado.

Criado para que servisse aos alunos da Faculdade Fluminense de Medicina e também à crescente população de Niterói, que carecia de um serviço de saúde que atendesse às necessidades de seus moradores, o hospital só foi inaugurado em 15 de janeiro de 1951, com o nome do seu idealizador, fundador e primeiro diretor da referi-



da Faculdade de Medicina, Antônio Pedro.

Duas foram as tragédias que assolaram a região e que ficaram marcadas na história do hospital. Mesmo antes de sua inauguração, em abril de 1950, já funcionara em caráter de urgência para atender às vítimas do desastre ferroviário de Tanguá, em que morreram 56 pessoas e 61 ficaram feridas. Mas foi a tragédia do incêndio do Gran Circus Norte-Americano, em dezembro de 1961, que sensibilizou todo o Brasil e fez ressurgir o anseio da população em manter a unidade aberta. Nesse dia, a história do hospital começou a mudar.

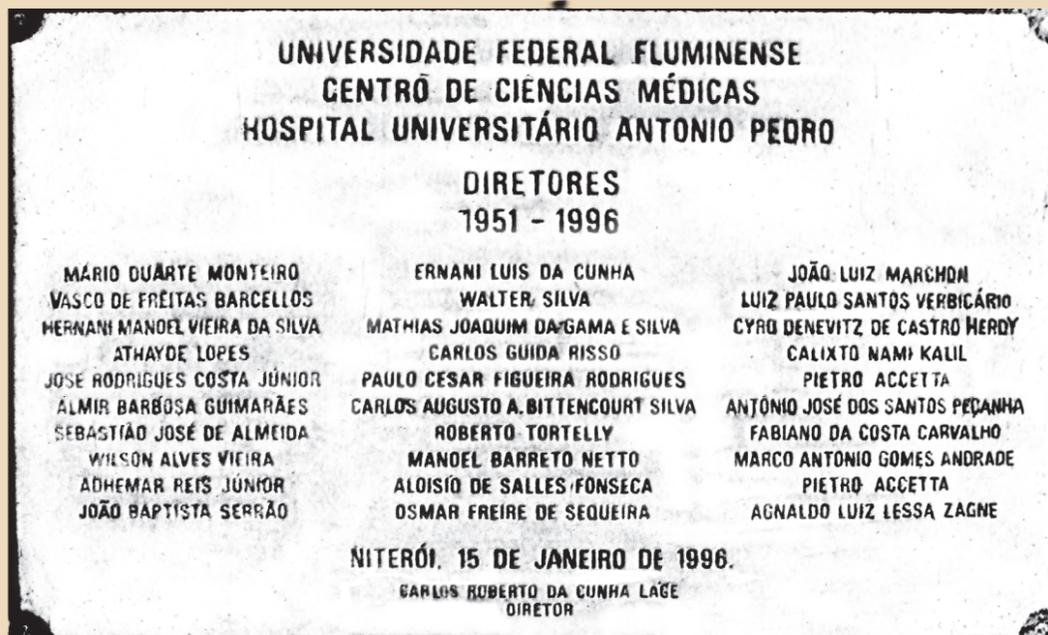
Atualmente, o Huap é a maior e mais complexa unidade de saúde da região metropolitana e, portanto, considerado na hierarquia do Sistema Único de Saúde (SUS) como hospital de nível terciário e quaternário, isto é, unidade de saúde de alta complexidade de atendimento.

Dados do Ministério da Saúde mostram que os hospitais universitários são responsáveis por 10,3% dos leitos do SUS, 11,62% da produção ambulatorial, 25,6% dos leitos de terapia intensiva e 37,6% dos procedimentos de alta complexidade. Em 2007, as internações no Huap superaram em 28% as metas estabelecidas.

Bruno Madeira

Somente no segundo semestre do mesmo ano foram aproximadamente 178 mil atendimentos ambulatoriais e 964 partos realizados.

Hoje, o hospital conta com aproximadamente dois mil servidores da universidade, temporários e cedidos de outras instituições públicas, distribuídos nas atividades de apoio, técnicas e de formação superior. Pelas suas enfermarias e ambulatórios também



bertos para a população



circulam docentes e acadêmicos de distintas áreas de ensino. Além disso, o Huap acolhe o programa de Residência Médica em 27 especialidades distribuídas nas áreas de cirurgia geral e especializada, materno-infantil, medicina clínica, patologia e apoio clínico, radiologia, planejamento em saúde, saúde e sociedade, e psiquiatria e saúde mental.

Mas tudo isso custa um preço. E o custeio do hospital sempre foi um problema. No início, por meio de uma lei especial, a instituição adquiriu autonomia administrativa, pois a Prefeitura, com seu precário orçamento, não podia arcar com os custos, tarefa esta assumida pelos autores da obra. Nessa época, a unidade sobreviveu com verbas da Prefeitura e também com aquelas obtidas por meio da cobrança de serviços médicos prestados a pessoas que podiam pagar. Em 1957, sob alegação de que a missão da unidade não estava sendo cumprida, a lei foi revogada, a Prefeitura assumiu a administração direta e proibiu a cobrança de serviços e, em oito meses, praticamente sem recursos, o hospital

fechou suas portas. Por isso, em 1961, quando da época do incêndio, as portas da unidade encontravam-se fechadas e leitos sobrepostos foram colocados para que não houvesse invasão. Por esse motivo, os veteranos Ézio Ribeiro e Otávio de Almeida lembram que a primeira carroceria com as vítimas do incêndio teve de arrombar o portão lateral da unidade, onde hoje é o acesso para o prédio anexo.

Somente em 1964, após a tragédia do circo e três anos de total abandono, o hospital foi doado pela Prefeitura à Universidade Federal Fluminense. Coube, então, à UFF a incumbência de ad-

ministrar o primeiro hospital universitário do país, passando a ser denominado Hospital Universitário Antônio Pedro.

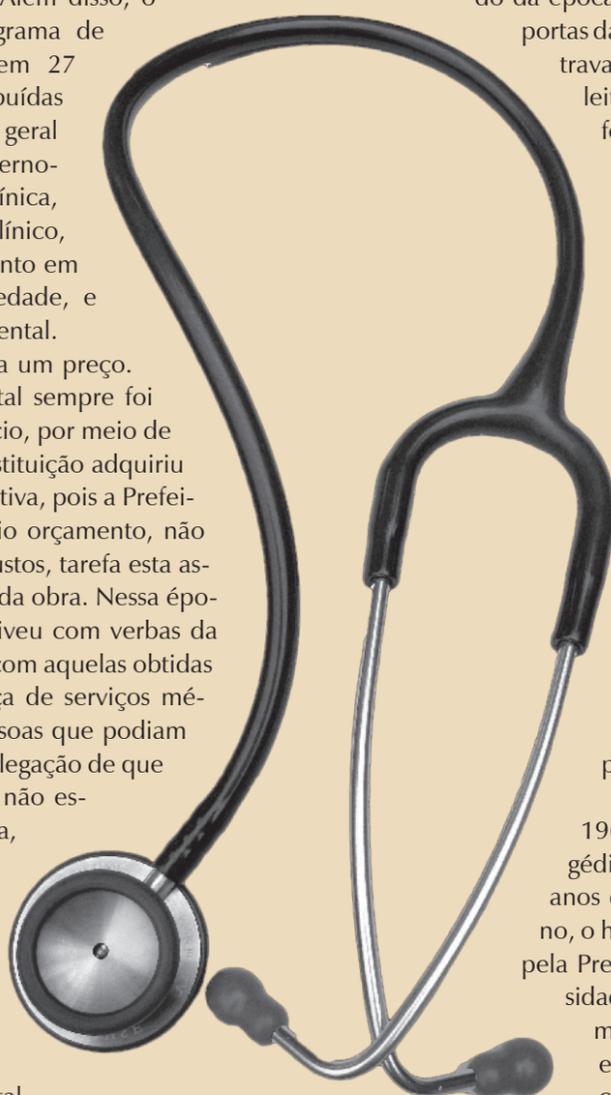
Recentemente, o Huap celebrou com a Fundação Municipal de Saúde de Niterói, um contrato de metas. Os procedimentos programados e autorizados pelo gestor e realizados pelo hospital estão previstos no Plano Operativo Anual, que também estabelece a programação financeira relativa ao pagamento dos compromissos assumidos no mesmo período.

O diretor-geral do Huap, professor Tarcísio Rivello, afirmou que a verba de custeio proveniente do Ministério da Saúde é fixa há anos não vem acompanhando a demanda crescente de atendimentos e procedimentos que superam as metas. Além do que é com esse recurso que o hospital paga os servidores contratados. Rivello disse que a Reitoria assumiu as contas de luz e água e, por meio de projetos, tem obtido recursos para obras específicas e segurança local.

Desta maneira, em breve, o hospital realizará obras no subsolo, e 35 câmeras de vigilância serão instaladas em pontos estratégicos do campus hospitalar. O antigo serviço de doenças infecto-parasitárias (DIP) dará lugar ao novo Serviço de Infectologia. A farmácia, as enfermarias neurológicas, neurocirúrgicas, de cirurgia pediátrica e ortopédica também passarão por reformas.

Para o diretor médico Haberlandh Sodré, “o Huap pertence à rede de saúde e esta tem de funcionar com o hospital, pois o Huap não é o responsável pelos problemas de saúde da região e, sim, parte da solução”.

Com todas as dificuldades, o Huap conta com CTI bem aparelhada, Unidade Neonatal em plena atividade, Unidade Coronariana, além de dispor de Serviço de Radiologia e de Hemodinâmica com parque de equipamentos próprios e totalmente comprometido com o SUS. O Hemocentro e o Banco de Leite Humano são referência na região. Também se destacam o Centro de Alta Complexidade em Oncologia (Cacon), o Serviço de Atendimento Especializado a Portadores do Vírus HIV e Pacientes com Aids e o Centro de Controle de Intoxicações. Os procedimentos de alta complexidade englobam cirurgias oncológicas, digestivas, de tórax e mesmo alguns tipos de cirurgia plástica. E se em 1969 o Huap estreou o primeiro aparelho de rim artificial em Niterói, é no mesmo hospital que hoje se realizam pelo menos dois transplantes renais por mês entre pessoas vivas. •



Moradores do Morro do Estado farão curso de soldagem na UFF



Regina Schneiderman

Arte e diagramação: Neon Maia

No início de julho foi assinado um convênio entre a UFF e a Associação de Moradores do Morro do Estado para capacitar 32 moradores locais no curso de soldador que iniciou em agosto. Os contemplados foram sorteados em uma assembléia que contou com mais de 500 participantes. Dentre os futuros alunos, sete são mulheres e dez ex-dentados que já cumpriram pena ou se encontram em regime semi-aberto.

Esta é a primeira comunidade a ter parceria com a UFF, segundo Afonso Madureira, que além de ser o atual presidente da Associação dos Moradores do Morro do Estado também é aluno da UFF, diretor de Movimento Social do DCE e um dos representantes dos alunos no Conselho Universitário. Ele explicou que a comunidade do Morro do Estado é formada por 70% de jovens, entre 19 e 32 anos, e que muitos deles estão fora do mercado de trabalho, têm baixa escolaridade e são negros. Assim, o curso de soldagem abre um leque de possibilidades para que esses jovens entrem para o mercado de trabalho. Sobre a presença de ex-presidiários na turma de soldagem, Madureira defendeu uma política pública direcionada para esse grupo que, por ser mais vulnerável, necessita de apoio maior para se afastar do crime. Assim, a associação optou por direcionar um percentual maior de vagas para esse contingente.

O professor Miguel Luiz Ribeiro Ferreira, do Departamento de Engenharia Mecânica e responsável na UFF pelo curso de soldador, esclareceu que esse é um trabalho social da Escola de Engenharia, uma forma de inclusão na sociedade voltada para pessoas carentes que estejam desempregadas.

No curso, a seleção dos alunos ficou por conta da associação. O único requisito é quanto ao nível de escolaridade. A exigência é que o aluno possua, no mínimo, a quarta série do primeiro grau. As aulas são dadas por ele, que também é engenheiro de solda e vice-diretor da Escola de Engenharia, e por Sebastião Vieira Marcelino, técnico de solda e servidor da UFF. Os dois trabalham como voluntários, e para sua realização são destinados recursos dos cursos "autofinanciáveis" dados nos fins de semana.

Já o material necessário para as aulas práticas é conseguido por

meio de doativos de algumas empresas, como Estaleiro Mauá, Companhia Belgo-Mineira e Esab (empresa de soldagem). Essas instituições, além do material de consumo, também fornecem os equipamentos. Segundo o professor, esse tipo de treinamento é caro, pois um curso completo custa entre R\$ 2 mil e R\$ 3 mil.

A carga horária é de 110 horas, o que equivale a um mês e dez dias. As turmas são pequenas, de oito a dez pessoas. As aulas são ministradas no horário da manhã e têm como conteúdo dez horas de aula teórica e cem horas de aula prática que são dadas no Laboratório de Montagem Industrial e Soldagem (Lamis). O curso é voltado para a indústria do petróleo e do gás que inclui a área de construção naval, refinaria e plataforma de petróleo. É baseado em normas internacionais, que exigem maior qualificação e requerem acompanhamento muito próximo dos professores.

Para o professor Ferreira, o curso aponta a habilidade da pessoa. A soldagem requer um dom, uma aptidão pessoal, uma habilidade manual que precede o conhecimento técnico. Os alunos, ao término, são encaminhados para a indústria e lá terão, obrigatoriamente por norma internacional, de fazer um teste de qualificação similar ao que é feito durante o curso de soldagem. Se o aluno for bem nos testes, já entra na indústria no primeiro nível de qualificação para soldador. Caso não seja bem-sucedido, ainda estará habilitado a ser aprendiz de soldador ou exercer uma

profissão próxima, como encanador, chapeador, etc. De acordo com Ferreira, a maior parte das pessoas que fizeram o curso foi empregada. "Nós temos um banco de dados e encaminhamos os alunos para a empresa com o currículo e a formação."

O aprendiz de soldador ganha em torno de R\$ 700, e o salário inicial de um soldador está na faixa de R\$ 1,2 mil a R\$ 1,3 mil. Com o preço do barril de petróleo na casa dos US\$ 150, o soldador é a principal mão-de-obra na indústria de montagem. Hoje, no Brasil, já existe falta de soldador, e quando se atingir o pico de demanda do setor não haverá esse profissional para suprir o mercado.

Com o término do curso para a Associação de Moradores, ele continuará sendo ministrado seguindo a fila original de inscritos. O professor Ferreira disse que é possível treinar cerca de 80 a cem pessoas por ano, dependendo apenas das condições materiais. No momento, as inscrições estão fechadas e não dá para atender mais alunos porque existe falta de espaço físico.

Miguel Luiz Ribeiro Ferreira adiantou que a UFF está para receber um prédio da Petrobras para a Escola de Engenharia e que este já foi aprovado pela Agência Nacional de Petróleo. Com essas instalações, será possível atender não só a soldagem, mas a todos os ofícios da cadeia de montagem que incluem caldeiraria, chapeador, soldador, inspetores de qualidade, encarregado e supervisor. ●



Arte: uma abordagem terapêutica



Adriana G. Barbosa

Diagramação: Alexandre Facuri

Arimar Ferreira ingressou no quadro técnico-administrativo da UFF em 1995 e trabalhou por quatro anos na Galeria do Centro de Artes. Desde 1999, atua na Secretaria da Escola de Serviço Social e integra a equipe do UFF Espaço Avançado, projeto de extensão para a terceira idade. Nesse programa, desenvolvido por uma equipe da escola, coordena a oficina de arteterapia e desenvolve com seus alunos atividades artísticas diversas, onde privilegia o valor terapêutico da arte. Ele também preside a Sociedade Brasileira de

“A arteterapia mescla arte, educação, cultura e lazer”



Arimar Ferreira – Arteterapeuta

Arteterapia (SBA), sediada em Niterói.

Nucs – O que significa arteterapia?

Arimar Ferreira – Existem abordagens e referenciais em psicologia diferenciados, mas falarei da abordagem defendida pela SBA. Encaramos a arteterapia como um processo terapêutico que desenvolve transformações significativas na vida das pessoas. Existem três possibilidades para que isso ocorra:

– A primeira delas, inerente à arte, faz com que a pessoa, quando desenvolve uma atividade “artística”, entre num estado alterado de consciência e esqueça os ruídos do mundo externo. Esse “silêncio”, por si só, já é terapêutico.

– A segunda é uma forma de extrair energias contidas no corpo da pessoa, as quais, se não tiverem um canal de expressão, certamente irão se manifestar por meio de doenças psicossomáticas.

– A última possibilidade da arteterapia é incentivar a pessoa a um autoconhecimento, por meio do objeto estético produzido por ela.

A arteterapia busca ajudar nos “seus sofrimentos na vida”, principalmente nos internos, encontrar a sua verdade, por meio da arte, e conhecer outras formas de ver a vida.

Nucs – Qual a origem da arteterapia?

Arimar Ferreira – Vou focar os últimos 50 anos. Nas últimas décadas, passou-se a trabalhar mais com a expressão artística como veículo de fala, usando a arteterapia até para tratar pacientes psicóticos como possibilidade de estruturação e ordenação. E, a partir da Segunda Guerra Mundial, começou-se a valorizar a arteterapia no tratamento de pessoas com traumas físicos e psíquicos, ajudando na retomada de seus movimentos para que pudessem retornar ao mercado de trabalho. Nessa época, iniciou-se um processo de valorização da arte dentro da questão terapêutica e, com isso, começaram experimentações, obtendo-se resultados cada vez mais positivos, e construindo-se um saber próprio em relação à utilização da arte com sentido terapêutico.

Nucs – Privilegiar o potencial terapêutico da arte, aliado à educação, à cultura e ao lazer. Fale sobre essa abordagem dentro da arteterapia.

Arimar Ferreira – Na arteterapia privilegia-se a imagem, o fazer artístico dentro de um processo terapêutico, não necessariamente ligado à educação. Sua ligação com educação, cultura e lazer é a abordagem defendida e representada pela SBA porque nós, fundadores da sociedade, somos, além de arteterapeutas, artistas plásticos e arte-educadores.

Nucs – Quais as atividades que ela engloba?

Arimar Ferreira – Todas elas. Procuramos vivenciar todas as técnicas possíveis e saber do potencial terapêutico e expressivo de cada uma: colagem, desenho, pintura, modelagem, plástica bidimensional e tridimensional e até instalações. O arteterapeuta tem de ter um olhar e uma audição sensí-

veis, além de um conhecimento teórico e sobre os materiais, para ajudar cada um a encontrar a prática artística mais adequada.

Nucs – Você coordena uma oficina de arteterapia no UFF Espaço Avançado, da Escola de Serviço Social, voltado para a terceira idade. Explique esse trabalho.

Arimar Ferreira – A oficina de arteterapia funciona há quase dez anos, quando me reuni a mais duas arteterapeutas, Alzira Lúcia Araújo (vice-presidente da SBA) e Denize Reynier, artistas plásticas e arte-educadoras. Nesta oficina, surgiu a abordagem da arteterapia, ligando arte, educação, cultura e lazer. O aprendizado se fez presente nas oficinas, o que nos solicitou atuação como arte-educadores. Essa atuação terapêutica possibilitou mesclar arte, educação, e com isso a reboque, inseriu-se a questão da cultura e do lazer. ◉



Thales Rafael

(A íntegra desta entrevista está no site www.noticias.uff.br/jornaldauff)

UFF demonstra responsabilidade socioambiental com Programa Recycle Idéias



Samanta Maia

Arte e Diagramação: Daniel Fernandez

No Ano Internacional do Planeta Terra, promovido pela ONU, a Editora da Universidade Federal Fluminense (Eduff) lançou, no dia 12 de maio, o Programa Recycle Idéias, mostrando que a universidade está envolvida e preocupada com as questões socioambientais. A medida busca implementar ações que neutralizem o carbono emitido durante a produção dos livros. Além disso, outras ações serão adotadas pela editora, como utilização de embalagens ecologicamente corretas, promoção de coleta seletiva de lixo e estudos de medidas que possibilitem a economia de materiais e energia na rotina de trabalho.

O programa é dividido em várias etapas, algumas das quais já estão em andamento. As embalagens laminadas deram lugar aos sacos de papel *kraft*, dobrados e com aplicação de fita e selo criado pela Eduff (adiantando-se ao projeto de lei que está em tramitação no Congresso e que estabelecerá novas regras para a utilização de sacolas plásticas, a editora adotou os sacos de papel); o uso de papel reciclado é ampliado com apoio da ONG Prima, que certificará o papel para produção da Eduff; o plástico-bolha foi abolido, e os livros enviados pelo correio vão dentro de caixas de papelão; e foram criadas três linhas de bolsas: a ecológica natural (juta), universitária/feminina e universitária/pensadores (lona).

Os próximos passos do Recycle Idéias também já começam a ganhar forma. Haverá replantio de áreas degradadas no campus do Colégio Agrícola Nilo Peçanha, no município de Pinheiral (RJ). O cálculo da área a ser reflorestada leva em conta não apenas o papel utilizado na impressão dos livros, mas também energia elétrica, água, material de escritório e outros insumos consumidos no dia-a-dia da Eduff.

Outra importante iniciativa é a coleta seletiva. O descarte interno de cada setor da editora será medido. Com os resultados dessa contagem, serão feitas cartilhas de responsabilidade socioambiental que ensinarão os servidores a economizar o que for possível e a colaborar com a coleta. O diretor da Eduff, professor Mauro Romero Leal Passos, ressaltou a importância de uma instituição com as dimensões da UFF ser paradigma. Segundo ele, se a função da universidade é educar, passar conhecimento e dialogar com a sociedade, deve ser a primeira a dar o exemplo. “Se editoras maiores tiverem a mesma atitude, o efeito pode ser ainda melhor”, afirmou.

Espera-se que em breve as ações do Recycle Idéias, que até o momento só estão sendo implantadas na Eduff, sejam expandidas para toda a universidade. O reitor, professor Roberto Sallés, disse que, no que depender da Reitoria, pretende-se fazer um projeto-piloto para extrapolar a UFF e, quem sabe, isso possa se estender a toda a cidade de Niterói. A resposta ao programa tem sido muito positiva, tanto por parte do público, quanto dos servidores.

Entre os dias 14 e 16 de maio, foi realizada em Recife a



Materiais ecologicamente corretos na Eduff

Rosane Fernandes

feira de livros da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu), durante a qual a UFF apresentou o Recycle Idéias. O professor Mauro Romero Passos lembrou que a recepção das outras editoras foi ótima e que alguns contatos já foram feitos por elas para saber mais sobre o projeto.

Na Bienal de São Paulo, evento que ocorrerá em outubro deste ano, haverá uma mesa de divulgação do projeto. De acordo com o professor, será a “chance perfeita” para estender a proposta a outros setores da sociedade. Os resultados até agora fornecem excelentes expectativas e animam os responsáveis pelo programa. “Esperamos que, ainda neste ano, a Reitoria esteja fazendo coleta do lixo sólido. Até o ano que vem, cerca de 30% da universidade já deve participar desta coleta também”, concluiu o diretor, otimista. ◉

Na UFF um sorriso perfeito vale muito

 Kátia Vieira

Diagramação: Daniel Fernandez/Arte: Bruno Madeira

A máxima de que a saúde começa pela boca é levada a sério pela equipe do Serviço de Odontologia do Departamento de Assuntos Comunitários da UFF, que funciona no térreo da Reitoria, para atendimento de odontologia básica, periodontia, obturações, restaurações e próteses.

Com essa preocupação da saúde bucal, o setor vem desenvolvendo há cerca de dois anos uma atividade coletiva de educação e saúde ministrada pelo dentista Eugênio Carlos da Rocha, formado em Odontologia pela UFF e com mestrado pela Nutes-UFRJ, que, por meio de triagem, convida um grupo de cerca de 15 inscitos para a atividade coletiva. “Essa nova forma de recepção aos pacientes tem por objetivo fornecer informações e dividir a responsabilidade do tratamento com o paciente. O trabalho faz parte de uma filosofia de promoção de saúde, que é um conceito em termos de saúde mundial que vai além da prevenção pura e simplesmente”, explicou.

São abordados aspectos relacionados à boa higiene oral, principalmente com o intuito de prevenir a doença periodontal (perio = em torno + dontal = dente). Há a exibição de um vídeo com duração de sete minutos sobre males que podem ser causados pela falta de uma higiene local correta. Os pontos mais abordados são a escovação, uso do fio dental, tártaro, alimentação correta, cárie, câncer bucal, dentre outros. No final da atividade é entregue um *kit* contendo um creme dental, escova de dentes, fio dental e um folheto explicativo com orientações da técnica de higiene bucal.

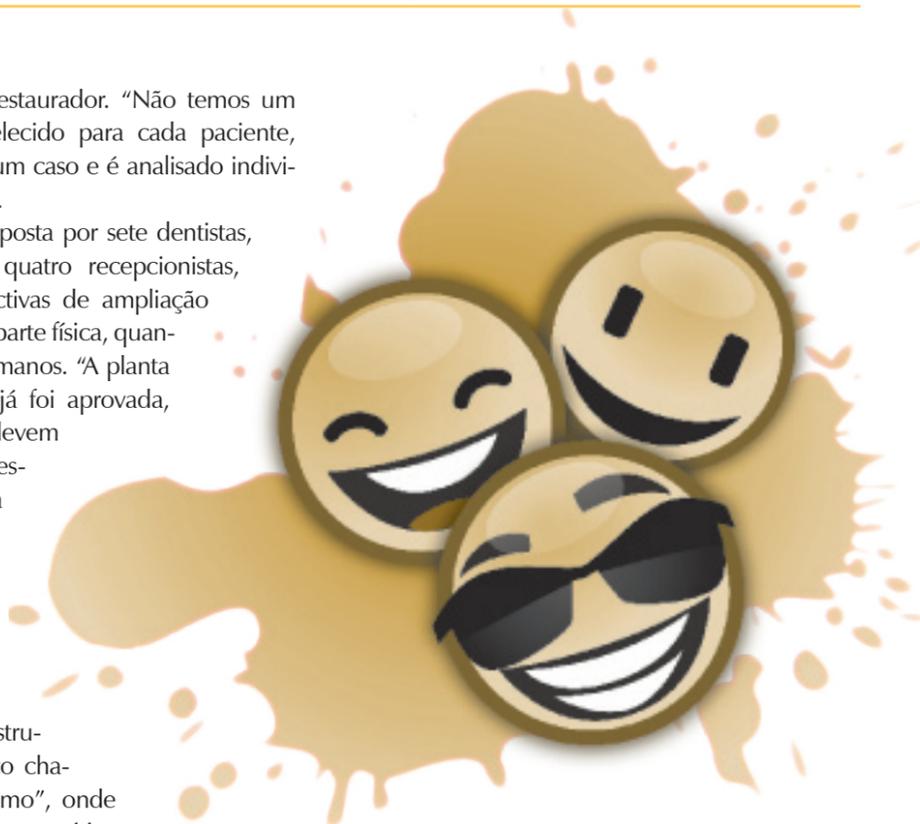
Segundo Eugênio Rocha, a atividade coletiva, sempre às quintas-feiras, funciona pela manhã e tarde, e é pré-requisito para o aten-

dimento clínico restaurador. “Não temos um tempo pré-estabelecido para cada paciente, pois cada caso é um caso e é analisado individualmente”, disse.

A equipe, composta por sete dentistas, seis auxiliares e quatro recepcionistas, tem boas perspectivas de ampliação do setor, tanto na parte física, quanto de recursos humanos. “A planta referente à obra já foi aprovada, e as reformas devem começar ainda neste ano. Além da ampliação física, precisamos aumentar o quadro de pessoal”, frisou. Uma das mudanças é a construção de um espaço chamado “escovódromo”, onde será realizada a parte prática da atividade coletiva.

Segundo a diretora do setor, Andréa Assaf, são atendidos cerca de 400 pacientes mensalmente. “A equipe tem motivos para comemorar, pois conseguimos algo inédito: pela primeira vez, zeramos a fila de espera do atendimento. Ficamos muito felizes, pois mesmo com todos os entraves que ocorrem, algumas vezes, conseguimos, com o trabalho de planejamento da demanda e a triagem feita com a ‘palestra’, alcançar um de nossos objetivos”, ressaltou a dentista.

Eugênio Rocha falou do quanto é gratificante o trabalho feito com a comunidade, que diz nunca ter visto esse atendimento em ne-



nhum outro lugar. “Temos sido convidados para fazê-lo em outros locais da universidade. Se todos não podem ter acesso ao tratamento restaurador, podemos levar as informações sobre uma higiene bucal correta a outros setores, fazendo o trabalho de extensão do Serviço Odontológico”, concluiu ele.

Os interessados em se inscrever – servidores, dependentes menores de 21 anos ou estudantes até 25 anos, professores e alunos bolsistas da UFF – devem procurar o setor pessoalmente, no térreo da Reitoria, Rua Miguel de Frias, 9, Icaraí, Niterói, ou ligar para 2629-5274, no horário das 9h às 17h, de segunda a sexta-feira. ●

Campus

Angra dos Reis

O prefeito de Angra dos Reis, Fernando Jordão, entregou ao reitor Roberto Salles, no dia 4 de setembro, o prédio onde funcionarão os cursos da UFF naquele município. A assinatura do convênio de Cooperação Técnica, Científica e Educacional marcou a implantação do Pólo Costa Verde da UFF em Angra dos Reis e formalizou a doação dos móveis e equipamentos inventariados contidos no prédio.

O termo de cessão de uso e transferência da posse direta à UFF tem vigência de 30 anos. O prédio tem aproximadamente 1,2 mil metros quadrados, com biblioteca, laboratório de informática, auditório com capacidade para cem pessoas, além de salas de aula, de coordenação e de professores.

O convênio visa à consolidação do curso de gradua-

ção Pedagogia, que desde 1992 era ministrado na Escola Francisco Pereira da Rocha, no Morro da Cruz. O atual prédio fica na Avenida do Trabalhador, em Jacuecanga.

O novo campus da UFF em Angra dos Reis começa o segundo semestre deste ano com o curso de Pedagogia. A partir de 2009, outros cursos poderão ter início.

Campos dos Goytacazes

Um terreno de 22 mil metros quadrados no município de Campos dos Goytacazes foi transferido à UFF pelo ministro do Planejamento, Paulo Bernardo Silva, em agosto, em Brasília. Na área serão instaladas novas unidades, possibilitando ampliar a atuação na cidade, onde já funciona, há 47 anos, o curso de graduação em Serviço

Notícias sobre eventos e acontecimentos na UFF

Social da universidade.

O terreno pertencia à extinta Rede Ferroviária Federal (RFFSA) e foi solicitado à Secretaria do Patrimônio da União pela universidade em março último. Nele serão investidos R\$ 12 milhões para a construção de dois edifícios de cinco andares com 4,7 mil metros quadrados cada, onde serão instalados seis novos cursos de graduação. Ciências Sociais, Economia e Geografia serão oferecidos já em 2009, e Direito, História e Psicologia, em 2010, num total de 2.650 novas vagas.

O ministro da Educação, Fernando Haddad, saudou a destinação do imóvel à UFF, afirmando que com isso estão sendo contemplados dois projetos do governo federal – expansão e reestruturação da universidade –, que visam aumentar a oferta de ensino superior público em todo o país.

(Rosane Fernandes)

Centro de Artes UFF



Sonia de Onofre (Coordenação)

Diagramação: Alexandre Facuri

'Alzira Power – Uma Comédia Perigosa' – Comédia escrita por Antônio Bivar fala de solidão, sexo e violência. Foi vencedora do Prêmio Molière de Melhor Texto em 1969. No elenco, os atores Cristina Pereira e Gustavo Falcão. Direção de Gustavo Paso. De 19 a 28 de setembro, às 21h, no Teatro da UFF, Rua Miguel de Frias, 9, Icaraí, Niterói.

UFF Debate Brasil – Machado de Assis – Considerado por críticos literários do Brasil e do exterior como o maior expoente das letras nacionais e um dos maiores de língua portuguesa, Machado de Assis expressou seu talento por meio de vários gêneros literários, que influenciaram gerações de escritores. Ao longo do tempo, seus personagens saltaram das páginas dos livros para o teatro, o cinema e a televisão. Para comemorar o centenário de morte do escritor, o UFF Debate Brasil discute a trajetória de Machado de Assis. Transmissão ao vivo pela Univê, canal universitário de Niterói e São Gonçalo (17 NET), e pelo site www.uff.br/webtv. Entrada franca. Dia 24 de setembro, às 19h, no Teatro da UFF.

Segundas Eruditas na UFF – 'A Arte do Belcanto' – Helen Heinzle e Leonardo La Grecca – O duo, formado por um soprano e um barítono, tem como objetivo desenvolver um trabalho voltado para a música camerística e operística para solo ou duas vozes e instrumento. Para esse concerto, o duo preparou um programa dedicado ao belcanto, música virtuosística que levava ao delírio o público do início do século XIX, tanto na Europa quanto no Brasil Imperial, em árias e duetos de várias óperas escritas por Vincenzo Bellini, Gaetano Donizetti e Gioacchino Rossini. Dia 15 de setembro, no Teatro da UFF.

Exposição Pintura em Curso – Coletiva de professores, alunos e ex-alunos da Escola de Belas Artes da UFRJ. Cerca de 40 obras representam a produção de uma das principais escolas do Rio de Janeiro. Mestres vão expor ao lado da novíssima geração formada pelo curso de Pintura. Comissão de seleção: Julio Sekiguchi, Marcelo Duprat, Lourdes Barreto, Vladimir Machado e o artista plástico Tay Bunheirão. Entrada franca. De 11 de setembro a 19 de outubro, das 17h às 21h, na Galeria de Artes UFF, Rua Miguel de Frias, 9, Icaraí, Niterói.



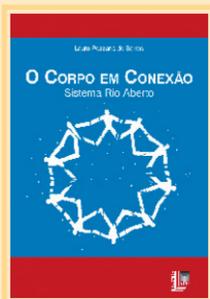
Divulgação

Cristina Pereira protagoniza comédia "Alzira Power"

Eduff

Compras on-line pelo site: www.eduff.uff.br

O corpo em conexão - Sistema Rio Aberto



Laura Pozzana de Barros

153 páginas
R\$ 27

A obra aborda a contramão das academias de ginástica, que se multiplicam, e onde vigora a busca de uma imagem-padrão, de um corpo modelado, individualista, narcisista e sem singularidade. Apresenta ainda um trabalho com o corpo que busca outra saúde, um fortalecimento e uma harmonia.

Desinstitucionalização e psicose: experiências clínicas

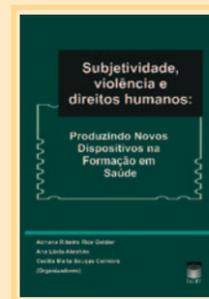


Organizadores:
Maria Emília Berenger,
Ricardo de Sá, Sandra
M. A. Fonseca, Sérgio
Bazz e Suely Azevedo
Costa

129 páginas
R\$ 20

O livro discute uma questão de relevância na atualidade da reforma psiquiátrica no Brasil, a partir das experiências de profissionais da rede de saúde mental de Niterói.

Subjetividade, violência e direitos humanos: produzindo novos dispositivos na formação em saúde



Organizadoras:
Adriana Ribeiro Rice
Geisler, Ana Lúcia
Abrahão, Cecília Maria
Bouças Coimbra

157 páginas
R\$ 25

Fruto de oficinas realizadas com os docentes responsáveis pela formação do profissional de saúde, o livro é de especial interesse para os técnicos de enfermagem que lidam no dia-a-dia com diversos tipos de violência no trabalho.

(S.O.)